

SEGUNDO CADERNO

ARNALDO BLOCH

Gerhulk — A ópera

Reflexões sobre o artista e sobre o monstro

Arnaldo Bloch/ Efeito sobre foto de Leonardo Aversa



Pensei em escrever sobre o atentado no Iraque ou, no outro extremo, sobre o novo CD de Francis Hime, bálsamo para terrores da alma. Mas não conseguia me concentrar: voltavam ao pensamento os fatos e repercussões do "Tristão e Isolda" de Gerald Thomas (que tem sua última récita amanhã, no Municipal). Sem outra alternativa, dedico esta coluna a reflexões sobre o assunto que, junto com as imagens sangrentas do Oriente, assombrou minha semana.

■ ■ ■ ■ ■

Não sei se a vaia consagra, como disse Nelson Rodrigues. "Vestido de noiva" teve vaia com direito a ovos e tomates. Os modernistas de 22 levaram vaia pesada, bem como os Tropicalistas, nos anos 60. Stravinsky, Satie, Píccasso e tantos no século XX souberam projetar o valor histórico da vaia. O próprio "Tristão e Isolda" de Wagner foi um escândalo internacional em sua época.

Gerald, consciente ou inconscientemente, pediu as vaias ao seu "Tristão". Recebeu, não gostou do tom, mostrou a bunda e entrevou-se. Consagrador? Não se sabe. As récitas continuaram cheias. Parte das vaias foi irreverente, festiva, mas o grosso era mesmo hostil, pingando ódio. Gerald disse por aí ter ouvido vozes de nazistas-puristas-wagnerianos-militantes esculachando o "judeu assassino". A cada relato, acrescentava mais drama.

Conversei com gente que estava na primeira fila e neça. Mesmo que houvesse uma ou duas vozes assim, a idéia persecutória é delírio: um judeu misturando o anti-semita Wagner com os patrícios Freud e Shoenberg (que criou a música dodecafônica com base no mestre alemão) não está imune a síndromes paranóicas pós-vaia. No embalo, pode-se sempre lembrar que "Ger", de Gerald, é prefixo aleatório de "germânico"...

Um dos grandes nomes da cena do nosso tempo, Gerald Thomas não precisa da vaia para galgar perenidade, apesar da pulsão auto-destrutiva que o corrói, inclusive (talvez sobretudo) quando as coisas vão bem para seu lado. Essa transformação de Gerald em Gerhulk (desta vez a rigor, de cueca verde) é cíclica. No ponto alto de sua experiência recente, de dois anos, no Sesc de Copacabana (com a Companhia da Ópera Seca), as peças "Ventriloquist" e "Esperando Becket" mereceram comentários entusiasmados de Barbara

Heliadora, tantas vezes rigorosa com o diretor. Insatisfeito com o sucesso, Gerald virou Gerhulk: chamou Reynaldo Gianecchini para fazer um "Hamlet de Copacabana". Doe.

A relação de amor e ódio de Gerald com a mídia; sua denúncia do mundo fashion e da frivolidade cultural alternada com suas aparições entusiasmadas em "Caras" (rendendo-se ao que abomina); seu ego do tamanho do cosmo, que tantas vezes põe tudo a perder — essas pulsões, entretanto, não vão, ao longo do tempo, macular a essência do diretor da "Trilogia Kafka", de "Mattogrosso", de "Carmin com filtro", do próprio "Ventriloquist".

De alguma forma, o paradoxo Gerald/Gerhulk faz parte da sua dialética. Disso sabem as cabeças abertas e os espíritos desarmados o suficiente para separar o autor de sua obra. Ou para resistir à tentação de destacar o monstro, enterrar o artista e renovar, mesmo sem saber, o conceito fascista de "arte degenerada", de tão triste memória.

■ ■ ■ ■ ■

Durante a semana, pulularam exclamações ultrajadas, de gente com bastante cultura, a perguntar, com pureza d'alma: "Mas o que Freud tem a ver com 'Tristão e Isolda'? Para

que a cocaína? E a cena da masturbação? E os desfiles de moda? Nosso pobre público provinciano, que sequer conhece o original, não resistirá a este insulto contemporâneo!"

Procurou-se sacramentar a idéia de que era tudo paçoca aleatória, sem sentido. O que está longe da verdade, independentemente de se gostar ou não da montagem. Que, de fato, em muitos momentos atrapalha a fruição da ópera (o que teria sido evitado se Gerald fosse mais econômico, usando seus recursos de maneira incidental e não ostensiva).

Mas vejamos. Por que Freud? Bom, "Tristão e Isolda" (está tudo nos diálogos legendados!) é uma ópera cheia de alusões a desejos sufocados, às delícias do amor carnal, à idéia da "morte eterna" associada ao afeto (Isolda deseja morrer de amor), à busca de uma cura assombrada por culpas e frustrações. Hello, Freud! Hello, "princípio do prazer"...

Ah, mas por que a cocaína? Bom, vamos ver... No angustiado amor de Tristão e Isolda, recorre-se a bálsamos, filtros, elixires. Na ária final, da "morte de amor", Isolda fala de "aspirar" e "ingerir". Numa ópera transposta para o consultório de Freud, que usou cocaína na sua terapêutica, nada menos aleatório.

Ah, mas aquela mulher no início do primeiro ato, masturbando-se no divã. É, talvez tenha sido um recurso apelativo. No entanto, ao levantar do pano, o que se vê é a paciente que, altamente erotizada (como erotizada é Isolda), delira a ópera, diante de Freud.

E a moda? Aqueles desfiles no fundo da cena? Bom, o diretor ejeta Freud para a contemporaneidade e sugere aí o binômio *passion/fashion* (está no programa): a moda mata a paixão, na sociedade do entretenimento gelado, da beleza e do erotismo cibernéticos e formatados na magreza asséptica. Nesse mar não só Freud, mas o revolucionário romantismo wagneriano estão ameaçados de morrer.

Freud, aliás, na montagem, enlouquece com sua paciente, e termina maquiador de modelos. Paralelo adequado, num tempo em que a reflexão vai para o lixo e resolve-se tudo com um prozac, um pó, ou uma vaia. Freud no lixo... numa cena da montagem, o Rei da Cornualha, ao topar com aquele pai da psicanálise atemporal, tira-o da cadeira e joga-o no chão. Boa metáfora para o que vem acontecendo com Gerald desde o sábado passado.